



A saúde e a espiritualidade sapiencial em diálogo com o pensamento do Papa Francisco

Health and wisdom spirituality in dialogue with the thought of Pope Francis

Nelson Maria Brechó da Silva ^[a]

Marília, SP, Brasil

Faculdade João Paulo II – Departamento de Teologia

Claudio Antonio Delfino ^[b]

São Paulo, SP, Brasil

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP)

Como citar: SILVA, N. M. B. da; DELFINO, C. A. A saúde e a espiritualidade sapiencial em diálogo com o pensamento do Papa Francisco. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 15, n. 02, p. 171-180, maio/ago. 2023. doi.org/10.7213/2175-1838.15.002.DS01.

Resumo

O presente artigo procura analisar a saúde e a espiritualidade na abordagem narrativa da tradição sapiencial e de sua ligação com a perspectiva do cuidado no pensamento do Papa Francisco. Por essa razão, busca-se, por um lado, uma análise de Eclesiástico 30,14-20, que traz a importância do corpo sadio, por meio de uma formação sapiencial saudável na prática da Lei pelo temor do Senhor. Nesse sentido, a saúde e a espiritualidade caminham juntas em vista da sabedoria. Por outro, as ambiguidades do paradigma tecnocrático em detrimento à saúde e à espiritualidade na visão do Papa Francisco. Apontam-se a passagem da *Laudato Si'* acerca do paradigma tecnocrático e o trecho da *Fratelli Tutti* sobre a deterioração da ética. A tecnologia pode contribuir para que a pessoa possa atingir mais pessoas em vista da caridade. Contudo, é preciso discernir sobre a sua utilização para não substituir a vida da pessoa. A sabedoria criadora de Deus pode iluminar a inteligência humana em vista de

^[a] Doutor em Filosofia, e-mail: nelsonbrecho@yahoo.com.br

^[b] Doutorando em Filosofia, e-mail: claudiodelfino72@yahoo.com.br

uma sociedade comprometida pela vivência da saúde e da espiritualidade com o olhar de esperança e o testemunho pela fé, a fim de curar as feridas proporcionadas pela desigualdade entre as pessoas.

Palavras-chave: Saúde. Espiritualidade. Sabedoria. Diálogo. Cuidado.

Abstract

This article seeks to analyze health and spirituality in the narrative approach of the wisdom tradition and its connection with the perspective of care in Pope Francis' thought. For this reason, we seek, on the one hand, an analysis of Ecclesiasticus 30,14-20, which brings the importance of a healthy body, through a healthy sapiencial formation in the practice of the Law through the fear of the Lord. In this sense, health and spirituality go together in view of wisdom. On the other hand, the ambiguities of the technocratic paradigm to the detriment of health and spirituality in Pope Francis' view. The passage from Laudato Si' about the technocratic paradigm and the passage from Fratelli Tutti about the deterioration of ethics are pointed out. Technology can help a person to reach more people in view of charity. However, it is necessary to discern about its use so as not to replace the person's life. The creative wisdom of God can enlighten human intelligence in view of a society committed to the experience of health and spirituality with a look of hope and witness through faith, in order to heal the wounds caused by inequality between people.

Keywords: Health. Spirituality. Wisdom. Dialogue. Caution.

Introdução

Quando se discute a respeito de saúde e de espiritualidade, encontra-se na Sagrada Escritura a palavra hebraica *shalom* e a palavra grega *eiréne*. *Shalom* significa: bem-estar; boa saúde; prosperidade; 'salve!'; 'paz!' (estes dois últimos em saudações), é proveniente da raiz *rf'* curar e restaurar. Já *eiréne* significa paz, de modo a envolver ordem, segurança, concórdia, felicidade, isenção de ódios e estragos de guerra. Ademais, o estado tranquilo e sereno mesmo diante das provações mais intensas da vida, visto que a sua visão se direciona firmemente em Deus.

Nesse sentido, a urgência em refletir a ligação entre saúde e espiritualidade é algo, de fato, desafiador em face do desvelamento das feridas daquelas pessoas mais necessitadas. A pandemia possibilita visualizar a nudez da pessoa, por meio da exposição de sua miséria e de suas fragilidades. Trata-se de uma crise que afeta todas as comunidades sociais, especialmente no tocante ao exercício da solidariedade. A ciência e a fé podem se unir na busca de uma qualidade de vida digna às pessoas. A articulação entre elas ocorre mediante a sabedoria.

Se a sabedoria é essencial para iluminar a ciência e a fé, isso indica que ela ilumina a inteligência da pessoa para que ela possa reconhecer a humanidade da pessoa. O reconhecimento se dá na atitude de ver e de cuidar da vulnerabilidade do outro e do mundo. Embora seja um trabalho árduo, no qual envolve a capacidade de cuidar de si mesmo, do outro e de Deus. É possível, com isso, aprender com a sabedoria criadora de Deus, de modo que ela é adquirida por meio do temor, da oração e do testemunho.

Ora, nesta proposta de reflexão, em um primeiro momento, apresenta-se a abordagem narrativa da tradição sapiencial, uma vez que nela existe uma passagem bíblica bem interessante, a saber, Eclo 30,14-20, que apresenta a saúde inerente ao corpo sadio. Em um segundo instante, o pensamento do Papa Francisco sobre o cuidado da pessoa consigo, com a natureza e com Deus. Ele desenvolve, dessa maneira, a ecoteologia, por intermédio da relevância da consciência ecológica.

A pandemia desperta, em diversas pessoas, o princípio da caridade expressa pela doação de roupas ou de alimentos. O modo de ser cristão passa pelo viés da sintonia da pessoa com o mundo, a fim de garantir uma vida melhor. A pessoa une a sabedoria com a amizade tão presente na *Laudato Si'* e na *Fratelli Tutti*.

O resultado a ser alcançado com este estudo científico possibilita uma maior compreensão da saúde e da espiritualidade. O avanço tecnológico precisa passar pelo discernimento da pessoa, a fim de analisar aquilo que, realmente, vem para enriquecer a vivência da vida.

Com efeito, a tecnologia não pode substituir o papel da pessoa, caso contrário, a pessoa se torna um mero produto de consumo a ser utilizado somente ao trabalho repetitivo e monótono. A sabedoria, por sua vez, fornece o brilho nos olhos da pessoa em conhecer uma forma mais digna e responsável na cooperação e no cuidado do mundo, visto que a inteligência da pessoa é iluminada pelo dom da sabedoria.

O diálogo entre o modelo sapiencial com o pensamento do Papa Francisco se dá pela via do cuidado acerca da saúde e da espiritualidade. Esta atitude alarga o horizonte antropológico da pessoa, porque ela pode utilizar da tecnologia sem olvidar da dignidade humana a serviço da vida, e não da exploração daquelas pessoas que são mais vulneráveis. A consciência ecológica proposta pelo Papa Francisco é pertinente à situação pós-pandêmica e ressoa as características da visão sapiencial, dentre elas a colaboração da pessoa no cuidado do mundo, de forma a se tornar zeladora e responsável.

A saúde e a espiritualidade sapiencial

Quando se mergulha no mundo sapiencial, nota-se uma variedade de temas que procuram tratar sobre a arte de bem viver a vida. Para tanto, analisa-se a passagem de Eclo 30,14-20, texto originalmente composto em grego, constata-se que esta reflexão se baseia na edição crítica da Septuaginta (RAHLFS, 2015, p. 428-429) para ver a ligação entre a saúde e a espiritualidade. No intuito de favorecer a compreensão da perícope, segue a tradução do texto grego ao português:

¹⁴ É melhor o pobre saudável e vigoroso do que o rico flagelado em seu corpo.

¹⁵ Saúde e boa constituição valem mais do que todo o ouro,
um corpo vigoroso é melhor do que uma fortuna.

¹⁶ Não existe riqueza que valha mais do que um corpo saudável
nem maior satisfação do que a alegria do coração.

¹⁷ É melhor a morte do que uma vida cruel,
o repouso eterno do que uma doença constante.

¹⁸ Abundantes iguarias colocadas diante de boca fechada
são como ofertas de alimento sobre um túmulo.

¹⁹ Para que levar oferenda de frutas ao ídolo?
Ele não come nem cheira.

Assim é aquele a quem o Senhor persegue:

²⁰ ele fita [vê] com os olhos e suspira,

é como o eunuco que abraça a virgem e suspira.

O livro de Eclesiástico faz parte dos livros sapienciais, ou seja, livro da sabedoria. É o único livro do Antigo Testamento do qual se sabe exatamente o autor, que se identifica como “Jesus, filho de Sirac” (STORNILO, 1994, p.7). Como diz Asensio (2005, p. 202), para Ben Sirac, a sabedoria é “um dom que o homem pode aspirar, uma qualidade que está presente em toda criação e de modo particular na lei mosaica”. Os sapienciais, de modo particular o Eclesiástico, tem como tema a sabedoria, amizade, educação, a saúde, a alegria e entre outros. O gênero literário é o *mashal* que é “o formato de provérbio ou dito popular” (CERESKO, 2004, p. 138), a fim de facilitar a memorização. Para isso, há discursos e instruções no decorrer da obra. No caso desta perícopé, trata-se de uma instrução.

A perícopé desta análise, Eclo 30,14-20, sublinha particularmente a saúde. Ben Sirac a descreve como mais valiosa do que todo o ouro (v. 15). Dessa maneira, nota-se a valorização da vida. Todavia, não de uma vida fundamentada na riqueza, que é capaz de flagelar o corpo, e sim de uma vida orientada pela pobreza que, por sua vez, garante a saúde em vista da sabedoria. Essa sabedoria não é abstrata, mas é a prática da Lei sapiencial, através de um corpo saudável e que traz a alegria ao coração.

A análise de Eclo 30,14-20 é interessante para refletir a dimensão da saúde na perspectiva da diversidade da existência humana. Tal diversidade envolve o binômio pobre-rico no intuito de caracterizar o caminho de ambos. Com isso, notam-se duas partes: v. 14-16 sobre o pobre e v. 17-20 a respeito do rico.

O primeiro bloco, que compreende os versículos 14-16, acentua a oposição entre riqueza e a saúde. Apresenta, por exemplo, o dinheiro como algo efêmero, pois não traz benefícios permanentes, pelo contrário, promove amiúde coisas banais e gera a discórdia no relacionamento entre as pessoas. A saúde, no entanto, é algo que agrega benefícios à pessoa durante sua vida, visto que ela é fruto de uma disposição constante em vista de viver bem a vida. Ela é melhor do que o ouro e, inclusive, superior à fortuna, uma vez que ela se desenvolve no conhecimento dos limites do corpo e dos desafios a serem superados em um processo pedagógico sapiencial.

No v. 14, vê-se o rico com o corpo flagelado em decorrência da visão em torno do lucro. Em contrapartida, o pobre, que é praticante da Lei Sapiencial, é são e vigoroso, porque coloca o Senhor como ponto central de sua vocação. Esse versículo mostra, por consequência, a valorização da vida integral. No evangelho de Lc 16,19-31, visualiza-se algo similar com a parábola do rico e do Lázaro. É curioso observar que o nome hebraico *Eleazar* significa “Deus auxilia”. A parábola se coloca na discussão da oposição entre riqueza e pobreza, porque apresenta um rico pecador e um pobre justo.

No v. 15, a palavra grega *hygieia*, que significa “saúde ou boa saúde” (BAILLY, 1901, p. 892), é mais importante do que o ouro e o corpo vigoroso é mais valioso do que a fortuna. Disso decorre que a riqueza e os bens materiais são experiências passageiras e ilusórias. Somente permanece nesta vida o exemplo de uma vida saudável e sábia. Em Eclo 29,10-11, é notório constatar o sacrifício do dinheiro em virtude de ganhar um irmão ou um amigo. Eles são tesouros segundo os preceitos do Senhor e, acima de tudo, mais desejosos do que o ouro. No texto de Tg 5,2-3, frisa-se que a riqueza apodrece os ricos e suas vestes estão carcomidas pelas traças. Aliás, o ouro e a prata estão enferrujados, de sorte que a ferrugem testemunhará contra eles.

No v. 16, a riqueza, que aprisiona o homem em si mesmo, deve ser rejeitada, pois não vale senão para mantê-lo encarcerado. O verdadeiro valor não está nos bens materiais, mas em ter uma vida feliz e que possa garantir um corpo saudável. Lembra o seguinte trecho do livro de Jó 31, 24-28, no qual aponta a fortuna amontoada pelo rico como crime digno de castigo, pois teria renegado ao Deus do alto. Em Lc 12,33-34, o tesouro corresponde ao coração, por meio do gesto de vender os bens e de dar esmola, assim como fazer bolsas que não fiquem velhas, um tesouro inesgotável nos céus, aonde o ladrão não chega nem a traça é capaz de corroer.

Líndez (2014) postula que a teologia da retribuição consiste em tratar a riqueza como um bem em si, e a pobreza como um mal em si, sem considerar a circunstância histórica. O Eclesiástico não concorda com essa visão de teologia da retribuição, e afirma que o homem deve ser honrado não por sua riqueza, mas sim por outros valores, tais como a saúde – Sabedoria. Percebe-se também que na perícopes de Eclo 30,14-20 está presente ainda uma contrapartida da teologia da retribuição, mais especificamente nos versículos 14-16 e que, para Líndez, (2014) até o pobre pode gozar de boa saúde, visto que não tem o acesso ao ouro.

Vale mencionar que Ben Sirac utiliza, nos v. 16-17, o método comparativo com a preposição *hyper* “do que”. É imprescindível observar que se trata de um recurso da LXX, pois, na língua hebraica, não há uma forma específica para o grau comparativo (CONYBEARE; STOCK, 2011, p. 85). O estilo grego ressalta o valor incalculável da saúde corporal relacionada à imagem do pobre.

O segundo bloco, que abrange os versículos 17-20, trata da vida do rico relacionada à realidade da morte: o autor, aqui, repudia uma vida de doenças; é preferível a morte. Aquele que não sabe saborear daquilo que lhe é dado com Sabedoria é como as abundantes iguarias colocadas diante do túmulo. Ele deixa de comer e de partilhar para acumular as riquezas em benefício próprio. Além disso, age com futilidades, de maneira que apresenta oferendas aos ídolos no desejo de obter em troca maiores riquezas: teologia da retribuição. Ou ainda possui a atitude de supetão do eunuco ao abraçar a virgem para usufruir de um prazer simplesmente egoísta e vazio, pois não gera vínculo e nem responsabilidade com ela.

No v. 17, ilustra-se o repúdio à vida cruel e à doença constante. É preferível a morte, onde estará o Senhor, do que uma vida repleta de sofrimentos. Valoriza o sentido da vida plena. Aquele que vive na Lei do Senhor não morre, mas é conduzido ao âmago de Deus caracterizado pela expressão repouso eterno. Alude Jó 3, 13 que, por sua vez, indica que dormiria tranquilo e descansaria em paz. E, também Jó 7,15, com a afirmação de que preferiria morrer estrangulado aos tormentos. Já Lc 16,22 denota que Lázaro, nome hebraico: *‘el/Deus + ‘ezer auxilia* = “Deus que auxilia” (KIRST et al; 2004, p. 177), morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. Disso decorre que há um abismo entre eles. Recorda-se, nesse sentido, a situação do homem diante da doença e da dor. Pode-se comparar ainda com Jn 4,3 e Tb 3,6-15.

No v. 18, situa-se que se o indivíduo não dá abertura para adquirir a Sabedoria divina, renuncia-se à oportunidade de que a palavra adentre em si, porque fecha a si mesmo semelhante a um túmulo, e ali não há vida. Recorda Sl 5,10 quando comenta que não há sinceridade em sua boca, em seu íntimo não há mais que ruína; sua garganta é sepulcro aberto e sua língua é fluente. Lembra também Mt 23,27 que, por meio do uso do gênero literário da invectiva “Ai de vós”, adverte os escribas e fariseus como hipócritas. Eles são semelhantes a sepulcros caiados, que por fora parecem belos, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e toda podridão.

No v. 19, explicita-se o costume pagão de oferecer aos ídolos frutas. Um tipo de oferta ao deus Baal da fertilidade e da retribuição. É inútil oferecer alimentos a ídolos sendo que eles não podem comer. Em Tb 4, 17, sugere para colocar com largueza teu pão e teu vinho sobre o túmulo dos justos, mas não o dês ao pecador. Em Dt 4,28, nota-se o serviço a deuses feitos por mãos humanas, de madeira e de pedra, que não podem ver ou ouvir, comer ou cheirar. O Sl 115,4-7, por sua vez, focaliza os ídolos de prata e de ouro. Eles têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não veem; têm ouvidos, mas não ouvem; têm nariz, mas não cheiram; têm mãos, mas não tocam; têm pés, mas não andam. Lembra, inclusive, Is 44,20, em que aquele que faz oferenda de pobre escolhe madeira que não apodreça, busca um artífice perito, capaz de erigir um ídolo que não vacile.

O v. 20 alude Eclo 20,4, no qual o eunuco, que tenta violar uma jovem, assim é o que quer fazer justiça pela força. As comparações usadas para descrever o rico doente são terríveis. A primeira é o túmulo (v. 18): o doente está mais morto que vivo, já pertence ao reino da morte; a segunda é o ídolo (v. 19), ver Sl 115,4-6: o doente é imagem de nulidade, semelhante à falsidade, já não é imagem viva de Deus; a terceira é Cômica e grave, pois o eunuco não é membro pleno do povo escolhido (v. 20).

Nota-se, na pragmática, a seguinte mensagem teológica de que a teologia da retribuição é profundamente criticada nos livros sapienciais, tal como nos livros proféticos. Embora, ambas se aproximam dessa perspectiva de leitura da realidade, elas se distinguem na forma literária, pois, nos profetas, observam-se a voz do Senhor, por meio da atitude profética no âmbito da comunidade; ao passo que, nos sapienciais, apresenta-se o binômio sábio-ímpio. O cumpridor da Lei, que é o sábio, será abençoado e aquele que não a cumpre, que é o ímpio, sofrerá as más consequências.

Ao fazer a hermenêutica, percebe-se que o tema tratado fala da atitude da pessoa no desejo de adquirir a sabedoria (espiritualidade sapiencial) e a saúde, bem como da oposição entre riqueza e a pobreza. A pessoa sábia pode tornar as relações mais humanas e generosas, de modo a explorar bem o sentido da vida, por meio da meditação e da contemplação, que são importantes na escuta da voz do Senhor em face da sobrecarga dos diversos ambientes sociais dentro da casa. A criação de estratégias poderá ajudar no cuidado da casa com maior dedicação, amor e união. No próximo passo, analisa-se o avanço tecnológico a partir do Papa Francisco e do desenvolvimento de sua reflexão ecoteológica, que entra em diálogo com o modelo sapiencial, particularmente na dimensão do cuidado e da quebra da autossuficiência humana.

Ambiguidades do progresso tecnocrático em detrimento da saúde e da espiritualidade

O progresso tecnocrático é analisado pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* e a deterioração da ética na *Fratelli Tutti*. Dessa forma, vê-se as ambiguidades do progresso em relação à saúde e à espiritualidade. A pessoa não pode estar a serviço da tecnologia, e sim a tecnologia deve ser um instrumento capaz de ajudar as pessoas mais necessitadas. Consequentemente, a visão da pessoa proposta pelo Papa Francisco dialoga com a literatura sapiencial, porque o sábio possui o discernimento para cuidar do mundo por meio do aprendizado com a Sabedoria Criadora.

Há de se convir que com o advento da Revolução Industrial no século XVIII na Inglaterra, inaugurou-se um novo paradigma de relação entre a pessoa e a natureza com a inserção da ciência e da técnica na indústria. Disso decorre a modificação essencial dos meios de produção. Assim, passou-se da produção manufaturada à produção em série.

Com efeito, surgiria uma esperança sem precedentes no mundo com as rápidas e incontáveis conquistas adquiridas. Nunca houve um desenvolvimento tão promissor à humanidade. Mas, com o passar do tempo, apareceria um complexo paradoxo. Tal paradoxo e as suas consequências foram constatados pelo Papa Francisco desta maneira:

O Grande Imã Ahmad Al-Tayyeb e eu não ignoramos os avanços positivos que se verificaram na ciência, na tecnologia, na medicina, na indústria e no bem-estar, sobretudo nos países desenvolvidos. Todavia, “ressaltamos que, juntamente com tais progressos históricos, grandes e apreciados, se verifica uma deterioração da ética, que condiciona a atividade internacional, e um enfraquecimento dos valores espirituais e do sentido da responsabilidade. Tudo isso contribui para disseminar uma sensação geral de frustração, solidão e desespero [...] nascem focos de tensão e se acumulam armas e munições, em uma situação mundial dominada pela incerteza, pela decepção e pelo medo do futuro, além de controlada por míopes interesses econômicos” (FRANCISCO, 2020, n. 29).

Com certeza, os avanços da ciência e da técnica trouxeram para humanidade uma nova esperança e o aumento da qualidade de vida. Tais progressos entusiasmaram o ser humano. Em nenhum outro tempo ele se viu a exercer o seu senhorio sobre as demais criaturas terrestres. Em cada descoberta, estampava-se a promessa de construção de um mundo melhor.

Ora, o grande esforço antes empregado à produção de uma pequena quantidade a ser consumida dava, paulatinamente, lugar a um instrumental tecnológico capaz de produzir mais, em menos tempo e com menos sacrifício.

Com as novas e rápidas conquistas nos diversos campos da técnica e da ciência, muitos males que antes provocavam sofrimento e morte de muitas pessoas de modo prematuro, por exemplo, agora eram superados com os “milagres” da medicina (FRANCISCO, 2015).

Além do mais, como não se recordar de que com as ciências arquitetônicas, o ser humano foi capaz de estampar em construções modernas a beleza estética, que de qualquer modo nos reporta à Beleza Eterna? Não se pode negar que o mundo ficou mais belo (FRANCISCO, 2015). Esta e outras conquistas significam que os avanços obtidos pela pessoa no campo da técnica e da ciência constituíram um bem para toda a humanidade. A constatação da aquisição destes benefícios por parte da humanidade já havia sido desenvolvida pelo Papa Francisco na *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015).

Mas, a ambiguidade de tal desenvolvimento não demoraria a manifestar-se, não somente no campo teórico, mas nos fatos cotidianos da história. E tal paradoxo não se encontra meramente nas descobertas feitas, e sim na posse de suas patentes, de modo a concentrar conhecimento e poder econômico nas mãos dos que as detêm, como também no uso inadequado destas. Assim ilustra o Papa Francisco:

Não podemos ignorar que a energia nuclear, a biotecnologia, a informática, o conhecimento do nosso próprio DNA e outras potencialidades que adquirimos, nos dão um poder tremendo. Ou melhor: dão, àqueles que detém o conhecimento e sobretudo o poder econômico para o desfrutar, um domínio impressionante sobre o gênero humano e do mundo inteiro. Nunca a humanidade teve tanto poder sobre si mesma, e nada garante que o utilizará bem, sobretudo se considera como o está a fazer. Basta lembrar as bombas atômicas em pleno século XX, bem como a exibição de tecnologia ostentada pelo nazismo, o comunismo e outros regimes totalitários e que serviu para o extermínio de milhões de pessoas, sem esquecer que hoje a guerra dispõe de instrumentos cada vez mais mortíferos (FRANCISCO, 2015, n. 104).

O progresso nas suas diversas manifestações e setores não é maléfico em si. O Papa Francisco ressalta que a ambiguidade deste se encontra no uso inadequado que a pessoa faz deste, além de tais conquistas nem sempre estarem unidas a um rumo verdadeiramente humano (FRANCESCO, 2020).

Se a pessoa observar atentamente a situação histórica, ela se depara com muitas novas e recentes aquisições. Todavia, elas nem sempre são utilizadas em vista do bem. Os acontecimentos nefastos que foram vistos no século passado, como aqueles que se encontram em curso são testemunhas desta verdade.

Quantas vidas foram ceifadas da face da terra, quantas famílias separadas pelo horror das guerras, quantos milhões de migrantes deixam forçadamente as suas casas, culturas, seguranças e são postos diante de tantos sofrimentos, quantas cidades destruídas, quantos sonhos desfeitos e tantos outros males que obscurecem a esperança na vida de tanta gente, de maneira a causar desespero e medo, ceifando o brilho do presente e obscurecendo o futuro.

Na verdade, a posse do poder e da economia não significam simplesmente a aquisição do progresso na sua totalidade, haja vista que o homem moderno não foi educado para o reto uso do poder. A força-fraqueza das conquistas citadas se tornaram mais evidentes diante de um vírus que colapsou toda a humanidade com a pandemia da covid-19, desde 11 de março de 2020 (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2020).

Ao citar Romano Guardini (1885-1968 d. C.), o Papa Francisco afirma que a vasta expansão tecnológica não foi acompanhada por um desenvolvimento do ser humano quanto à responsabilidade, aos valores e à consciência. O desenvolvimento técnico-científico carece de uma solidez ética, de uma espiritualidade cultural que tenha colocado a pessoa humana dentro de um limite capaz de fundamentar uma liberdade sadia (saudável) e não adoecida (FRANCISCO, 2015). O homem não se reduz à uma mera natureza biológica, mas de uma espiritualidade inteligente.

Na obra intitulada *Vida após a Pandemia*, o Papa Francisco lembra não somente os males cotidianos que afetam os mais vulneráveis. Ele insiste na ideia de que as vítimas de exclusão dos benefícios, mesmo que superficiais da globalização, agrava inclusive mais para tais pessoas:

Eu sei que vocês foram excluídos dos benefícios da globalização. Não desfrutaram daqueles prazeres superficiais que anestesiavam tantas consciências. Apesar disso, vocês sempre sofrem os danos dessa globalização. Os males

que afligem a todos, a vocês atingem duplamente. Muitos de vocês vivem o dia a dia sem nenhum tipo de garantias legais que os protejam (FRANCESCO, 2020, p. 44, tradução nossa).

Não basta o mero progresso técnico-científico. É imprescindível que este esteja a serviço das pessoas. A concepção de um autêntico poder humano oriundo do progresso por ele conquistado, deve estar alicerçado em uma simbiose capaz de conjugar metafísica, antropologia e ética. O reconhecimento de que o ser humano não é plenamente autônomo, coloca-o como em ser necessitado do outro e do Outro por excelência, de sorte que vincula a saúde com a espiritualidade em virtude do cuidado.

A abertura para além de si mesmo deve fazer com que a pessoa perceba que as suas conquistas somente terão um justo valor se elas estiverem à disposição de todos, no respeito à alteridade e ao cuidado com a Casa Comum. O seu poder será exercido como *diakonia* [serviço] (Jo 13,15). Ninguém pode ficar “indiferente” diante do sofrimento alheio. É necessário que se faça uma rápida autocrítica do reto uso dos avanços técnico-científicos.

Além da ambiguidade do paradigma técnico-científico, ainda se depara com outros males que afetam duramente a existência da pessoa humana. Trata-se do drama da fome, de maneira que não se pode ficar indiferente à dor alheia. Nesse sentido, considera o Papa Francisco:

Ainda estamos longe de uma globalização dos direitos humanos mais essenciais. Por isso a política mundial não pode deixar de colocar entre os seus objetivos principais e irrenunciáveis de eliminar efetivamente a fome. Com efeito, “quando a especulação financeira condiciona os preços dos alimentos, tratando-os como uma mercadoria qualquer, milhões de pessoas sofrem e morrem de fome. Por outro lado, descartam-se toneladas de alimentos. Isto é um verdadeiro escândalo. A fome é criminosa, a alimentação é um direito inalienável”. Muitas vezes, hoje, enquanto nos enredamos em discussões semânticas ou ideológicas, deixamos que irmãos e irmãs morram ainda de fome ou de sede, sem um teto ou sem acesso a serviços de saúde (FRANCISCO, 2020, n. 189, tradução nossa).

Criada à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,27), a pessoa humana é o bem que deve estar no centro de todos os demais bens criados neste mundo. Ela jamais pode ser considerada como um meio ou ser desprovida daquilo que ela tem direito por dignidade. Privá-la daquilo que lhe é essencial fere o próprio Criador. Aliás, a Comunidade Internacional que, formada pela comunhão das Nações, jamais deveria descuidar de garantir os bens fundamentais para cada pessoa, dentre eles, o acesso a uma alimentação sadia. Mas, como recordou o Papa Francisco, a fome ainda é uma ferida aberta que provoca dor, sofrimento e morte em muitos recantos do mundo. Por exemplo, um sinal sintomático de uma verdadeira degradação social, de uma silenciosa ruptura dos vínculos de integração e comunhão social e profunda violação e degradação da dignidade da pessoa humana (FRANCISCO, 2015), recentemente, vê-se no Brasil. Além do mais, pessoas em situação de rua e muitas famílias miseráveis têm recorrido a alimentos próximos ao estado de descarte, na cidade de São Paulo, próximo ao Mercado Municipal. Outras em caminhões de lixo em Fortaleza e em caminhões com carcaças de animais e ossos no Rio de Janeiro, em busca de alimentos para sobreviverem (GAVRAS; VERPA, 2022).

Diante do cenário da fome e da fraqueza das reações internacionais, é possível recordar a preocupação do Papa Francisco, quando ele menciona cenário análogo, no que se refere ao meio ambiente:

Preocupa a fraqueza da reação política internacional. A submissão da política à tecnologia e à economia demonstra-se na falência das cúpulas mundiais sobre o meio ambiente. Há demasiados interesses particulares e, com muita facilidade, o interesse econômico chega a prevalecer sobre o bem comum e manipular a informação para não ver afetados os seus projetos (FRANCISCO, 2015, n. 54).

Ademais, como não concordar que a deterioração do meio ambiente, por muitas vezes, aliada aos interesses tecnológicos e econômicos não afetam diretamente a produção e a distribuição equitativa de alimentos para sanar a fome de tantos vulneráveis mundo afora? Como aceitar que o bem da pessoa humana possa estar subjugado aos interesses do lucro desmedido? Como uma criança desnutrida terá condições suficientes para um bom desenvolvimento na escola?

Diante de tal situação, surgem outros questionamentos: Como ter uma boa saúde se falta até mesmo o mínimo para se alimentar satisfatoriamente? Quanto sofrimento afeta milhões de nossos irmãos. Não se pode permanecer na indiferença com tal cenário, pois, o próprio Senhor há de lembrar que esteve com fome e não me destes de comer (Mt 25,42). Mesmo que o bem comum seja finalidade do Estado promovê-lo, aquilo que está ao alcance da caridade evangélica, é dever de todo cristão em realizá-la.

Segundo o Cardeal Michael Czerny, autor do Prefácio da obra *Vida após a Pandemia* do Papa Francisco: “O que está acontecendo nos abala dentro, e todos se reconheçam como parte de uma única família. É tempo de remover as desigualdades, sanar a injustiça a que mina pela raiz a saúde da humanidade inteira” (FRANCESCO, 2020, p. 9, tradução nossa).

Mesmo que a pandemia tenha sido circunstancial, ela não deixou de agravar e, continuou a agravar, a vida de muitas pessoas e famílias. Com isso, é necessário extirpar outros tantos males que desfiguram o rosto de tantas pessoas. Mesmo em face da continuidade do sofrimento, cada pessoa é convocada a reconhecer como irmão e irmã, de modo a transcender raça, cor, *status* social, dentre outros valores, a fim de formar uma família.

Vale mencionar que não é natural constatar que o sofrimento de um irmão ou irmã cause alegria ou indiferença. O grande desafio que se tem é considerar o bem do próximo como parte essencial do bem de todos. Toda a injustiça que impossibilita as pessoas de não terem acesso à saúde dignamente, revela-se algo a ser superado. Quanto erário público é desviado, especialmente pela praga da corrupção, de forma a tirar dos mais vulneráveis o acesso aos cuidados fundamentais para viver. É indispensável a articulação entre saúde e espiritualidade.

O Papa Francisco esclarece bem o cenário da pandemia e o aumento da desigualdade social, visto que muitas pessoas se tornaram indiferentes com aquelas que possuem dificuldades para viver. Outras começaram um processo de abertura mediante a consciência ecológica. O cuidado é algo essencial, porque gera a responsabilidade para com o futuro, de modo a recordar a tradição sapiencial de que a pessoa saudável possui a abertura de sua inteligência à Sabedoria Criadora, que é capaz de torná-la paciente e corajosa. O diálogo entre a saúde e a espiritualidade sapiencial com o Papa Francisco se compreende como fator indispensável no ambiente pós-pandêmico.

Considerações finais

A partir dos dados examinados no decorrer desta reflexão, pode-se concluir com os seguintes aspectos a respeito da abordagem narrativa da saúde e da espiritualidade sapiencial em diálogo com o Papa Francisco.

Primeiro, a pessoa que não sabe usufruir daquilo que lhe é ofertado com Sabedoria, passa pela vida em futilidades e é semelhante à oferta colocada no sepulcro ou diante de um ídolo, pois os mortos não podem comer (Eclo 30,14-20). Segundo, a pessoa, que busca a Sabedoria como fonte adquire uma vida saudável, tem êxito e vive, de fato, intensamente cada instante da vida como oportunidade singular e virtuosa.

Esta reflexão possibilita, por um lado, uma leitura proveitosa para esclarecer que a vida saudável abrange o cuidado consigo, com o próximo, com a natureza e, conseqüentemente com a saúde integral, visto que a Sabedoria vem do Senhor para iluminar a inteligência da pessoa. Com efeito, ela pode encontrar luzes diante do cenário pós-pandêmico, a fim de dar um sentido novo à vida em vista da prática da Lei como instrução sapiencial.

Por outro, a pessoa humana à luz do pensamento do Papa Francisco deve ser concebida e tratada como o bem primordial de todos. Mesmo que se construísse uma realidade desenvolvida, se esta não incluísse a totalidade dos seres humanos e estivesse a serviço deles, seria como uma bela riqueza que de nada valeria. Nota-se, assim, a relevância de uma consciência ecológica e que seja capaz de desenvolver a ecoteologia. Tal proeza proposta pelo Papa Francisco vai ao encontro da tradição sapiencial, uma vez que o sábio se preocupa com o mundo, a fim de agregar o cuidado da saúde e da espiritualidade.

Por conseguinte, o gesto de construir uma globalização includente, que seria fundada em autênticos valores humanos e cristãos, é um dos grandes desafios que a humanidade ainda possui. Cuidar do bem, principalmente dos

mais vulneráveis, é um dever ainda a ser executado, pois muitos gemem, como em dores de parto, por teto, terra, trabalho, saúde e outros bens essenciais para se viver dignamente com saúde e espiritualidade.

Referências

ASENSIO, V. M. *Livros sapienciais e outros escritos*. Trad. de Mário Gonçalves. 3. ed. São Paulo: Ave Maria, 2005.

BAILLY, M. A. *Abrégé du Dictionnaire Grec-Français*. Boulevard St-Germain, Paris: Hachette, 1901.

CERESKO, A. R. *A sabedoria no antigo Testamento: espiritualidade libertadora*. São Paulo: Paulus, 2004.

CONYBEARE, F. C.; STOCK, St. G. *Gramática do grego da Septuaginta*. Traduzido por: SILVA, C. M. D. São Paulo: Loyola, 2011.

GAVRAS, D.; VERPA, D. Fome leva famílias a revirar lixo e buscar alimentos e estado de descarte. *Folha de São Paulo*, 23 out. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2021/10/fome-leva-familias-a-revirar-lixo-e-buscar-alimentos-proximos-do-descarte.shtml>. Acesso em: 22 de setembro de 2022.

KIRST, N. et al. *Dicionário Hebraico-Português e Aramaico-Português*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2004.

LÍNDEZ, J. V. *Sabedoria e Sábios em Israel*. Trad. de José Benedito Alves. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Declaração do estado de Pandemia do novo Coronavírus, em 11 de março de 2020. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti, sobre la fraternidad y la amistad social*. 2020. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/es/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html Acesso em: 29 de setembro de 2022.

PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si', sobre o cuidado com a Casa Comum*. Brasília: CNBB, 2015.

PAPA FRANCESCO. *Vida após a Pandemia*. (Prefácio pelo cardeal Michael Czerny. Tradução portuguesa L'Osservatore Romano). Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2020.

RAHLFS, A. *Septuaginta: id est vetus testamentum graece iuxta LXX interpretes*. 6 ed., Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006. Sociedade Bíblica do Brasil, 2015 (com prefácio em português e espanhol).

STORNILO, I. *O livro do Eclesiástico: a identidade de um povo*. São Paulo: Paulus, 1994.

RECEBIDO: 02/10/2022
APROVADO: 09/08/2023

RECEIVED: 10/02/2022
APPROVED: 08/09/2023